

WATSON & CROSO



Cuiabá Março — 1911

Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

Ao meu Paiz

Sob esta epigraphie, o Rev. Provincial da Companhia de Jesus, em Portugal, Padre LUIZ GONZAGA CABRAL, fez imprimir em Madrid um protesto justificativo a proposito da expulsão de seus religiosos daquelle paiz.

Como promettemos no numero passado da Revista, reproduzimos o interessantissimo documento.

Eil-o:

«Os longos e dolorosissimos dias que duron o exodo dos filhos da Companhia de Jesus, romando de Portugal o caminho do exilio, expulsos da Patria que extremecemos, e tratados como os peores dos criminosos, quando passámos a vida toda a sacrificar-nos pelo bem dos mais, absorveram de tal maneira a minha energia, na sollicitude de vêr illesos os meus irmãos e de fixar a cada um o novo campo de acção em que havia de exercer o zelo, que não me ficou um momento para dirigir á minha querida Patria o brado de desafio e de protesto que o meu coração de portuguez, a minha dignidade de christão, religioso e sacerdote, e finalmente a responsabilidade do cargo que na Companhia me

foi confiado exigiam imperiosamente da anim.

Neste desafio e neste protesto referir-me-ei exclusivamente aos religiosos cuja direcção me está confiada—os da Companhia de Jesus—porque só desses me compete a responsabilidade. Mas não posso deixar de saudar, antes de mais nada, os gloriosos membros de todas as mais Ordens e Congregações religiosas, irmãos nossos muito queridos e venerados companheiros nas horas da tribulação, heroicos perseguidos, aos quaes não faltou largo quinção na participação da cruz de Christo, pelos insultos, pelas prisões e até pela propria morte, pois houve entre elles nobilissimas victimas, que sellaram com o sangue do martyrio vidas de santidade e dedicação.

Mas ao dirigir-me ao Paiz nesta hora solenne, campre-me, como pae, fallar de meus filhos, “desafogando” a minha dôr á vista dos seus soffrimentos, e “protestando” que são innocentes das accusações que lhes fazem.

I

Em pleno seculo de liberdade, homens que apregôam espirito liberal e em nome de principios equalitarios expulsaram em um momento

do territorio portuguez a trezentos e tantos portuguezes, espalhados por cerca de 20 casas, no Continente e nas possessões ultramarinas da Africa, Asia e Oceania; sem lhes provar um unico crime ou delicto, sem lhes permittir uma palavra de defesa, sem lhes dar tempo para reunir a roupa, os livros, os escriptos, fructo querido do trábálio de muitos annos em uma vida de estudo indefeso.

Em nome da liberdade arrebatam-nos tudo, despojam-nos de tudo. Apoderam-se de nossas propriedades e das nossas casas, umas lentamente construidas com as sobras das pensões dos nossos alumnos á força de rigorosa administração e desinteressada economia; outras adquiridas pelos particulares com a propria legitima e legalmente averbadas em seus nomes individuaes. Juntamente com os edificios e as terras, apropriaram-se do recheio das nossas casas, nas quaes havia collecções scientificas de primeira ordem, como os museus gabinetes e laboratorios dos Collegios de Campolide e S. Fiel, onde, por espaço de mais de 50 annos o subsidio mensal dos nossos alumnos, a generosidade de amigos inspirada pela sua dedicação e apreço pessoal para connosco, e o trabalho intelligente, amavel e desinteressado dos Padres e Irmãos haviam conseguido reunir um material de estudo que por todos estes titulos era nosso e só nosso.

As bibliothecas colleccionadas durante meio seculo pelos mesmos processos, as rouparias, onde estava em lotes separados a roupa pertencente a cada um de nós, até os aposentos particulares, onde, além dos modestissimos leitos e lavatorios só puderam encontrar a mesa de trabalho e a livrariasinha em que se alinhavam

os companheiros silenciosos de horas ronbadas á futilidade e até á honesta diversão; tudo isto foi em um momento declarado pertença do Estado; e nós espoliados summaria o arbitrariamente, expulsos das nossas habitações, fomos levados entre soldados e populares armados, expostos ás vaías e aos insultos de uma plebe, amotinada de longa data pelas calumnias da mais repugnante imprensa.

Os que na previsão destes horrores, conseguiram evadir-se, foram acossados como feras pelos campos e pelas estradas, alguns delles—(de seis soube—e com certeza)—perseguidos a tiro, muitos vilipendiados com chufas e encontrões brutaes, não faltando até—(bemdicto seja Aquelle Senhor que deste genero de affronta nos foi modelo!)—não faltando até religiosos nossos a quem escarraram no rosto.

Depois, esses homens cujos nomes nunca foram vistos nos cadastros policiaes: esses criminosos de nova especie que deixaram tudo e sacrificaram todos os prazeres da vida para se entregarem, sem esperança de interesse humano á educação da mocidade nos Collegios, á evangelização do gentio no ultramar, aos ministerios sacerdotaes mais mortificativos e por vezes heroicamente arriscados; esses homens contra os quaes uma imprensa soez, que em qualquer outro paiz teria sido amordaçada, derramando-se em vagas e declamatorias recriminações, não conseguiu uma vez—uma vez só—provar não digo um crime mas um delicto; esses homens são encerrados nas prisões e nos calabouços como malfeitores, e passam ali as mais dolorosas incommodidades, permanecendo até algum tempo incommunicaveis.

E não cuide alguém que tudo isto são encarcerramentos arrancados pela dor. Não. Espoliação dos desterrados e privações dos captivos passaram muito além do que tentariam esboçar as minhas palavras.

Eu mesmo—porque o não direi?—eu mesmo que ainda prescindindo do que a Companhia com seu trabalho e próspera administração tivesse adquirido, tinha direito ao menos á minha legítima paternidade e maternidade, empregadas por mim em moveis, immoveis e fundos legalmente consignados em meu nome, eu sahi do meu Portugal sem mais haveres que a roupa que vestia, essa mesma, por não ter fato secular com que disfarçar-me, comprada por pessoa amiga; levando no bolso como unicos recursos pecuniarios, a quantia sufficiente para a viagem até França, quantia que de esmola me foi enviada por um estranho, que só de nome e de vista me conhecia e a quem o pobre, o despojado por Jesus-Christo, se apressa a testemunhar aqui a sua gratidão.

E quanto ás privações dos meus queridos Irmãos presos pela causa de Deus; lembrarei que em artilheria 1, onde quem mandava não era o exercito, mas a mais vil gentilha, nem collôr foi fornecida aos prisioneiros para comerem o rancho; que lhes fixaram o intervallo de 8 horas para poderem retirar-se um momento, declarando, até a pobres enfermos a quem essa tyrannia podia ter custado a vida que qualquer sahida a menor intervallo era mero pretexto para espairecer. Nesse mesmo quartel, a guarda ameaçava de noite os presos que, se algum tentasse levantar-se, dispararia sobre elle. Nos ultimos dias desse martyrio horrivel, ousaram até introduzir junto dos captivos mulheres sem pudor,

que houveram de retirar-se dominadas, apesar da sua desenvoltura, pela austera virtude e modestissima dignidade de meus admiraveis Irmãos.

• Quando depois foram trasladados para Caxias, a miseravel enxerga lançada sobre as taboas duras, a manta unica e o durissimo travesseiro que lhes foram distribuidos pareceram aos pobres presos um confortavel mobiliario á vista do que tinham tido no quartel.

Em um calabouço do Governo civil, enquanto não foram trasladados para o Limoeiro, alguns dos nossos queridos presos soffreram ainda mais incommodidades que os de artilheria 1. Amontoados 23 em um pequeno espaço, onde apenas ficariam 3 á vontade, respirando durante 5 dias um ar infecto, por não lhes ser permittido para circumstancia alguma sahir do mesmo recinto, os nossos Padres e Irmãos tiveram ensejo de experimentar os mais rudes soffrimentos.

Eu bem sei que não faltaram officiaes e soldados que pelos jesuitas encarcerados conceberam, não sómente sympathia, mas veneração. Mas esses sentimentos, que os meus innocentes Irmãos, e eu em nome de todos elles, agradecemos do fundo d'alma, não impediam as incalculaveis privações daquellas semanas de Calvario.

Mas ainda não é tudo. Quando, depois dos rigores e das torturas dessa paixão prolongada, se tratou de pôr em execução a sentença de exilio e desnaturalização contra estes portuguezes em cujo peito pulsava e pulsa ainda agora o mais ardente amor para com a nossa querida Patria. esses homens que nos tinham espoliado de tudo, que tinham entrado em posse dos nossos bens

moveis e immoveis, tiveram coragem—se coragem é palavra applicavel a tal procedimento—para exigirem daquelles a quem por lei mandavam pôr na fronteira, que “pagassem elles a sua viagem”. E como a um official, que accentuava essa resolução observasse um dos Padres que não tinhamos meios para a realisar, não hesitaram em dirigir aos presos esta resposta:—“Pois deixem estar, que em nós os apertando bem, e em vocês começando a apodrecer para ali no inverno logo acharão dinheiro para se livrarem.”

O dinheiro appareceu, porque Portugal não está ainda todo bandado contra a innocencia e virtude perseguidas. Numerosas familias se cotizaram para nos pagarem a travessia; affluiram esmolas de roupa e alimentos; e não foi sem commoção que vi chegar ao estrangeiro tantos dos meus religiosos vestidos com os fatos que os nossos queridos alumnos de Campolide lhes tinham ido levar, nas frequentes visitas que faziam a seus Mestres perseguidos por Christo. Em espirito beijo a mão desses numerosos benfeitores, e abraço esses tão saudosos jovens que sem a mais ligeira insinuação da nossa parte acudiram à penuria dos pobres filhos da Companhia.

Mas antes da partida para o exilio, estava ainda reservada ás victimas a mais cruel humilhação. Anciãos veneraveis, sabios eminentes, respeitados dentro e fóra da Patria, religiosos admirados pela sua virtude, jovens—alguns delles quasi creanças—em cuja physionomia se reflectia a innocencia, passaram um a um no posto anthropometrico, foram descriptos, photographados minuciosamente medidos até ás phalanges dos dedos, como criminosos celebres, para apparecerem depois

nos jornaes os seus retratos com a taboleta numerica dos infamados. Não posso deixar de reservar um protesto especial para este vexame sem nome que só pôde tornar toleravel o amor daquelle Senhor que na cruz foi contado entre malfeteiros.

Ha ainda uma circumstancia na perseguição de que fomos victimas, que não posso deixar de salientar aqui. O decreto com força de lei, publicado pelo Governo Provisorio da Republica, em 10 de Outubro declara revogadas todas as leis de excepção, e no numero 2.º do artigo 1.º, assignalando o motivo desta revogação, diz “não haver na Republica Portuguesa penas perpetuas ou de duração illimitada”. Ora a lei fulminada contra a Companhia de Jesus é o desmentido formal desta declaração. Contra nós foi promulgada uma lei de excepção e por tal forma odiosa, que assombra como é possivel em pleno seculo vinte uma legislação draconiana, em que são invôcados os mais flagrantos despotismos do regimen absoluto; e para mais palpavel contradicção com as promessas liberaes da nova Republica a sentença que nos desterra e nos priva dos direitos de cidadãos portuguezes é uma “pena perpetua” comminada na fórmula implacavel de um “nunca mais”.

Tudo o que até aqui deixo escripto foi esboçar apenas a traços rapidos algumas das muitas tyrannias de que fomos alvo em nome da liberdade.

A’ vista de tão formidavel rigor occorre naturalmente perguntar quaes foram os nossos crimes.

II

Em primeiro lugar, é circumstancia notavel que, até á hora presente, ainda não apparecesse um só crime, invocado como justificação

do cruelissimo proceder que com-nosco se seguiu.

A lei de 8 de Outubro não assignala nenhum. Appella para as leis obsoletas de Pombal e Aguiar; revoga o decreto de Hintze Ribeiro e promulga as anachronicas vexações de que estamos sendo victimas.

Por outra parte a chamada opinião publica, desvaírada pelas declamações energúmenas de uma imprensa odienda, nunca chegou a concretizar accusações contra nós que não fossem as vagas e sedições objurgatorias dos romancistas jacobinos.

Por mais que procure não encontro nas columnas do jornalismo anti-jesuíta, ou nas lendas circumvagantes da credência indigena, outras accusações que não se reduzam a alguma destas seis:

1. — Armamentos e subterraneos;
2. — Riquezas e angariação de heranças;
3. — Seducção de vocações;
4. — Organização secreta;
5. — Espirito politico e adverso á Republica;
6. — Influencia reaccionaria.

Ora, neste momento de perseguição, em que, com o coração retalhado de saudade, eu e meus irmãos nos vemos forçados a despedir-nos da Patria, devo ao meu Paiz um protesto solemne e uma resposta a essas affirmações dos nossos perseguidores.

1.—ARMAMENTOS E SUBTERRANEOS

Respondô sem rodeios: Nunca tivemos armamentos, e em nenhuma das nossas casas havia subterraneos de communicação ou sahida es-cusa.

Mas se o tivéssemos, estavamos no nosso direito, e teríamos talvez

andado com menos ingenuidade e mais finura. Assim o disseha pouco equivalentemente nas Camaras em Hespanha o Presidente do Conselho, Canalejas, alludindo a armamento de defesa que lhe diziam existir em casas religiosas.

Pois o succedido em Campolide, onde a populaça entrou á força, invadindo todos os corredores e aposentos particulares, destroçando tudo, arrombando gavetas, espalhando livros e papeis, e ameaçando até as vidas, não prova que teria sido utilissimo haver quem defendesse o edificio da invasão, ao menos o tempo sufficiente para chegar a força publica?

Mas não havia. Em todo aquelle vastissimo edificio de Campolide apenas tinhamos duas espingardas de caça, que os professores utilisavam para diversão, nos 15 dias de férias que passavam cada anno em Val de Rosal. Pois essas espingardas não foram aproveitadas nem sequer no momento do assalto ao Collegio.

E os tiros que se diz terem sido disparados do Quelhas, tiros com que nos fizeram tão calumniosa reputação, até em uma nota officiosa que nunca foi desmentida?

O proprio General Commandante de Lisboa, posto pelo Governo da Republica, segundo affirmou um redactor da "Illustration" de Pariz, disse que estava provado não terem tido os nossos religiosos interferencia alguma nesses factos. Quem fossem os atiradores, alguns dos quaes revestidos com as batinas que encontraram nos quartos, não será difficil conjectural-o, depois do facto passado em Campolide com um desses fingidos Padres, que alli mesmo cahiu atravessado por uma bala dos seus camaradas, e em cujo

cadaver foram encontrar por debaixo da batina a farda reveladora de quem era.

O certo é que os Padres que então habitavam a casa do Quellas estavam todos presos havia dous dias; e as communicações occultas, por onde queriam se tivessem introduzido os fabulosos jesuitas-atiradores, ninguém as viu até hoje, e a mesma insuspeita e autorizada testemunha declarou que não havia alli outros subterraneos além dos canos de esgoto. Fallava do Quellas. Se fallasse de Campolide, podia accrescentar que a quinta, estava retalhada de minas de agua, além da esplendida cisterna construída por um dos meus antecessores na direcção daquelle Collegio. Mas, apesar de terem sido visitadas essas minas, reconhecendo-se-lhes com evidencia a natureza, a imprensa anticlerical não deixou de reproduzir a bocca de uma dellas com o nome de "entrada de um subterraneo".

Confesso que não cuidei tivesse de vir um dia a publico defender-me a sério da accusação de armamentos e galerias secretas. Muitas vezes esses contos de "Mil e uma noites" da imprensa jacobina nos tinham feito passar, a mim e a meus Irmãos em religião, bons momentos de desanuviada hilaridade; e quando, por occasião das novellas espalhadas ha pouco mais de um anno sobre armamento em Campolide, um Ministro do antigo regimen me dizia que afinal teriamos tido muita razão para estarmos prevenidos no caso de um assalto da rua, respondi-lhe que eramos homens mais para deixarmos que nos tirassem a vida a nós do que para nós a tirarmos a outros.

2.—RIQUEZAS E ANGARIAÇÃO DE HERANÇAS

A fama das riquezas dos Jesuitas enraizara-se tanto em Portugal que, não só corria entre adversarios nossos, mas ainda entre amigos sinceros.

Supponhamos que essas riquezas fossem verdadeiras. Não comprehendendo onde estivesse o crime; e seria estranho crime para expulsar alguem da sua patria o facto de possuir uma avultada fortuna. Mas essa reputação era uma fabula sem realidade. Oxalá a Companhia tivesse effectivamente em Portugal copiosos haveres! Não faltaria em que empregal-os com immensa utilidade para o paiz. Não os tinha. Muitas vezes, depois que fui nomeado Superior me via braços com enormes difficuldades para prover á sustentação dos meus religiosos.

Sobre a administração dos bens da Companhia de Jesus existe um sem numero de preconceitos que é bom desfazer. Ha muito que eu me lembrára de fazer sobre este assumpto uma serie de conferencias publicas. Mas tolhia-me a liberdade de as realizar a situação de incognito em que nos collocára o decreto de Hintze-Ribeiro. Deus me é testemunha de quanto esse disfarce era mortificativo para a franqueza do meu character, vexatorio para o modo como sempre concebi a liberdade, e violento para o affecto cordial e admiração reverente que consagro á Companhia de Jesus.

Duas palavras ao menos sobre o assumpto.

A Companhia, que no governar é rigorosamente unitaria, no administrar é maximamente descentralisadora. Cada casa se administra por si; e nada é mais fantasista do que a

famosa bolsa commum que tem inspirado tantas mentiras.

Pois bem; em Portugal, se, graças á rigorosa administração dos Superiores as casas da Companhia de Jesus não tinham dividas, viviam contudo habitualmente com pouca folga e não raro com grandes difficuldades. As Residencias sustentavam-se exclusivamente dos estipendios de missas e prégações e das esmolas espontaneas dos fieis. Nos Collegios, as despezas enormes que faziamos para dar aos nossos alumnos o passadio, as commodidades e as diversões que elles disfructavam, e muito mais ainda para sustentar o progresso constante de methodos pedagogicos de que elles podem dar bom testemunho, obrigavam-nos a não continuar as obras dos edificios, desde que a frequencia de alumnos não attingisse um numero muito consideravel.

Tendo a perseguição religiosa de 1901 assustado muitas familias, diminuiu a frequencia em Campolide; foi, pois, mister interromper as obras. Mais tarde, enquanto eu governava aquella casa, pude adiantar a construcção do edificio; mas a perseguição odienta da imprensa jacobina nos ultimos tres annos deu o mesmo resultado que em 1901: as obras estavam interrompidas ha mais de dous annos. Esta é que é a verdade sobre as riquezas dos nossos Collegios em Portugal.

E que direi então da "caixa do Seminário", isto é, dos fundos destinados á formação dos nossos jovens na Companhia? Quantos adversarios dos Jesuitas não têm gasto acerba prosa em discretear contra as nossas riquezas, sem nunca terem ponderado desapassionadamente as circumstancias do nosso recrutamento e da nossa formação!

A formação da Companhia é muito demorada. O religioso, que nella perfaz todos os estudos, tem uma educação de 15 a 17 annos, comprehendendo a formação "asctica" do noviciado, o curso "litterario" e das formaturas em "philosophia" e "theologia", geralmente separadas por uma época de exercicio de "pedagogia pratica" no magisterio. Por outra parte, a grande maioria, a quasi totalidade das vocações para a Compaphia em Portugal eram de filhos do povo de muito modestos haveres. Daqui resulta que, para uma média de mais de 200 religiosos não leigos, dos quaes cerca de 100 sempre estão applicados aos estudos em Portugal e no estrangeiro, havia apenas, como fundo para as enormes despezas daquella extensa formação, as poucas legitimas, cujos rendimentos foram livremente destinados a este fim por um limitadissimo numero de religiosos. Posso testemunhar aqui que a grande maioria dos Nossos em Portugal nada deram a Companhia, ou porque realmente não tinham, ou por que, sendo pobres as suas familias, os Superiores os mandaram deixar a ellas o que lhes pertencia. Daqui resultou que os fundos destinados á formação e instrucção dos nossos jovens eram absolutamente insufficientes para fazer face ás despezas. Só a generosidade de opulentos bemfeitores poderia supprir esta penuria; mas esses foram em Portugal rarissimos, e nenhum deixou legados que em nada se parecessem com os que tão liberalmente têm sido applicados á Companhia em outras nações e muito particularmente nos Estados Unidos da America do Norte.

Esta abstenção deve attribuir-se por uma parte a que são poucas em Portugal as fortunas avultadas

entre catholicos, e por outra ao preconceito das riquezas dos Jesuitas, que faz com que até os nossos amigos não canalizem para ali as suas benfeitorias.

Mas a que se reduz então a accusação de captadores de heranças? É uma calumnia infame, contra a qual protesto com toda a vehemencia da minha alma. As scenas de fantasia que tantas vezes foram tetricamente poetisadas pelos nossos inimigos para suscitar contra nós a indignação dos ingenuos, são a reedição das fabulas excogitadas pelos pamphletarios de todas as épocas. Pouquissimos foram os benfeitores que em seus testamentos contemplam a Companhia em Portugal, e apenas dous com quantias avultadas. Se outros o tivessem feito, ser-nos-ia possível alargar notavelmente a nossa acção no ensino, na imprensa, na propaganda religiosa e patriótica, tanto no Continente como no Ultramar. Quantas vezes nas conversas intimas com meus Irmãos ao ver as larguissimas deixas e as numerosas heranças com que tantos beneficiam as Misericordias portuguezas, e em particular a do Porto, não fiz notar o que se escreveria e diria se uma parte minima dessas riquezas tivesse sido destinada a obras da Companhia de Jesus!

3.—SEDEÇÃO DE VOCAÇÕES

Nunca ninguém se lembrou de censurar a um membro de uma associação, que estimando-a e desejando-lhe a prosperidade convidasse ou aconselhasse outros a se inscreverem nella. Este proceder é inatacavel, e tanto mais quanto mais perfeita for a sociedade de que se trate. Logo, uma Ordem religiosa qualquer tem direito de convidar quem possua dotes requeridos para ali

servir a Deus a alistar-se livremente nella. Devo, contudo, fazer uma restricção para a Companhia de Jesus, e esta restricção causará estranheza a muitos. Temos expressa recommendação de não attrahir ninguém determinadamente para a nossa Ordem, mas só de auxiliar sem nenhuma sombra de alliciamto, a vocação de Deus, onde a reconhecermos. Assim me consta procederem sempre os meus Irmãos em religião, e francamente, se de outro modo se houvessem, não sómente se afastariam das instrucções da Companhia, mas dariam prova de pouca esperteza. Com effeito, uma das primeiras perguntas dirigidas aos candidatos no exame de admissão é se algum da Companhia o procurou attrahir para nós; e qualquei joven que assim tivesse sido alliciado é certo que não perseveraria, pois a vida da Companhia é de tal maneira vida de sacrificio, a sujeição de obediencia é entre nós tão abnegada, que só uma vocação de Deus pôde assegurar-nos a fidelidade; e a obra do homem é aqui incontestavelmente infructifera. Accresce a isto, que a longa formação, que precede os ultimos votos, offerece, como em nenhuma parte, garantias á liberdade, visto que, até então, por espaço de 10 a 17 annos, pôde o religioso ser desligado da Companhia, e o será sem duvida onde não houver verdadeira vocação.

Mas os proprios adversarios da Companhia em Portugal, se encarregaram de fornecer por suas mãos a nossa defesa neste particular. Poucas semanas antes da proclamação da Republica, os jornaes jacobinos publicaram varias cartas de um religioso nosso a um joven que havia tempos pedia para entrar na Companhia. Essas cartas são modelos de prudencia, moderação e tino sobre-

natural, e quem fôr desapaixionado e se fixar, não nos títulos falsificados nem nos commentarios velhacos em que as emmolduraram, mas no texto innocente e digno de quem as escreveu, terá nesses documentos a mais peremptoria resposta ás calumnias que nos assacam.

4.—ORGANIZAÇÃO SECRETA

Certo que se esta existisse entre nós, era aos homens que se têm arvorado em protectores das sociedades secretas que competia o perseguirem-nos por esse titulo. Mas não ha accusação mais falsa a nosso respeito. "O Instituto" e as "regras" da Companhia de Jesus hoje mais que nunca estão patentes a quem as quizer ler e estudar em todas as bibliothecas publicas.

Em Portugal, a feição secreta que tinha a Companhia foi-nos imposta bem contra nossa vontade por aquelles que, á frente de um governo que se dizia catholico, não tinham coragem para conceder a uma Ordem religiosa approvada e elogiada pela Santa Sé a liberdade que nos concedem nações protestantes.

Disfarçamo-nos então com o nome de "Associação Fé e Patria"; e francamente, quando nos tinham ameaçado com a dispersão e o exilio, ainda foi para agradecer esse arremedo de liberdade. Aproveitamos a pouca que nos era concedida, para com ella nos devotarmos, na medida restricta a que se estendia, ao bem da Religião e de Portugal. Mas, como já acima o declarei, era bem contra a nossa inclinação e o nosso modo de ver que guardavamos o incognito, que afinal o não era para ninguém.

O actual Governo da Republica, que possui os catalogos particulares das pessoas e das occupações

dos jesuitas portuguezes, poderá ver ali á vontade que não havia entre nós motivo algum para nos escondermos e para não apparecermos clara e manifestamente, á luz do dia, com este titulo que é para nós, depois do de christão, o mais glorioso: "Religioso da Companhia de Jesus".

5.—ESPIRITO POLITICO E ADVERSO Á REPUBLICA

As opiniões expedidas em alguns artigos do "Mensageiro", os boatos de ingerencia nossa na feição combativa do jornal "Portugal" nos ultimos annos, e as fabulas sem conta espalhadas na imprensa a respeito da Companhia, por occasião das ultimas eleições, motivaram a accusação de espirito politico entre os Nossos.

Quanto ao "Mensageiro", os artigos alli publicados estão á disposição de quem os quizer ler, e as doutrinas expedidas alli, ácerca da cooperação dos eleitores na promulgação ou execução das leis, ácerca da solidariedade dos membros de um partido com o programma, tradições ou vida politica do mesmo partido, são afinal a doutrina corrente em todas as nações, onde a cultura civil e a illustração social catholica não têm sido deixadas no desleixo lamentavel em que vegetam entre nós. Só a falta dos conhecimentos mais vulgarizados fóra de Portugal pelas pastoraes dos Prelados, pela catechese ecclesiastica e pela intensa propaganda do jornal e do livro, pôde explicar a extranheza com que entre nós eram acolhidas por muitos, como novidades, as conclusões mais correntes da moral e da casuistica nos restantes paizes catholicos.

Mas sejam quaes forem as divergencias de opinião nesse ou em outro ponto, sobejam-nos razões pa-

ra perguntar que especie de liberdade seria a de um paiz, onde se puzesse em duvida ao theologo e ao inoralista o direito de expor e motivar nos artigos de uma publicação periodica a opinião que segue em assumptos da sua especialidade.

Sobre o diario "Portugal", a carta ha pouco publicada pelo seu director dispensar-me-ia de responder. Nella declara que em toda esta ultima phase do jornal—exactamente a mais impugnada pela sua attitudde bellicosa—a Companhia não teve ingerencia alguma.

Isto não quer dizer que me esteja descartando de responsabilidades, como se reprovasse a energia e o vigor na imprensa catholica. Não. A verdade deve ser defendida com valentia; e os inimigos da causa de Deus, que para si reclamam o direito a todas as violencias de estylo e não hesitam perante a mentira, a calumnia e tantos outros inadmissiveis processos jornalisticos; já que não podem ser atacados pelos mesmos processos, por nolo vedar a probidade e a virtude christãs, devem ao menos ser repellidos com corajosa isenção e sem condescendencias meticulosas.

Um diario jacobino de Lisboa publicou ha pouco uma carta minha em que eu pedia ao destinatario se interessasse por conseguir recursos para a empresa que ultimamente dirigia o "Portugal". Não me refiro a esta abusiva publicação de uma carta particular, para protestar contra ella: nem venho verberar aqui as insidiosas observações com que naquella folha era acompanhada a publicação; só quiz accentuar que o interesse revelado por mim nessa carta para com a ultima empresa do "Portugal", é prova de que a orientação geral daquelles jornalistas ca-

tholicos não discordava do nosso proprio modo de ver. Mas onde está ahi o crime? e onde estaria elle, ainda quando os artigos vehementes dessa ultima phase do jornal fossem realmente nossos?

Finalmente, com respeito ás ultimas eleições devo declarar que repudio energicamente as fabulas que uma imprensa sem escrúpulos fez correr acerca dos meus religiosos. Já não fallo das ridiculas aboardas de jesuitas empunhando o crucifixo a fim de pedirem votos para os nacionalistas, e de prégadores ameaçando o inferno a quem votasse no Governo. Isso são invenções ineptas, que revelam nos que as publicam o nenhum conhecimento que têm de nós e das nossas cousas. Mas digo mais: nunca, por parte dos meus religiosos foi praticada qualquer sombra de galopinagem eleitoral; antes—o que a muitos poderá causar estranheza—poucos foram os membros da Companhia de Jesus que se aproximaram da urna para votar. As razões de ordem excepcionalissima, que justificam este ultimo proceder, não são para aqui; pois o voto é nas circumstancias actuaes, um dever de consciencia, de que só pode eximir-se, como excepção, quem tenha para isso motivos graves.

Dos conselhos, que tenham sido dados em consultas particulares ou de consciencia, nada teria que dizer, se não fosse a indignação postiza com que a imprensa hostil á Companhia quiz disvirtuar os factos, confundindo-lhes as circumstancias. O ultimo Governo da Monarchia, não somente se apresentou rasgadamente anti-clerical, mas depois de varios actos attentatorios dos direitos da Igreja, começara a perseguir as Ordens religiosas, deixando entrever a quem não quizesse cerrar os olhos á

evidencia que os seus intentos, com relação ás mesmas Ordens religiosas, eram os que mais tarde revelou no ultimo decreto assignado por El-Rei, um dia antes da sua deposição, e os de que ainda ha pouco veio fazer alarde na imprensa, já depois da queda da Monarchia. Ora, qual é o Padre catholico que, em presença de taes procedimentos, se não quer faltar ao seu dever de sentinella de Israel, não avisa do perigo, e não faz ecoar destemidamente o "*non tibi liceat*" do Santo Precursor?

Neste ponto de politica, como em tantos outros, tive eu a honra de ser gratuitamente calumniado pelos inimigos da Companhia. Atribuíram ao meu Provincialato uma nova orientação dada a Companhia em Portugal, quando a verdade é que nunca tive de intervir como Superior nem sequer com um conselho no sentido que esses escrevedores perfidamente insinuavam.

A politica da Companhia é hoje a que foi sempre, a politica do "Padre Nosso": "Venha a nós o vosso reino, seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu!"

Os inimigos de Deus e da Igreja não nos podem perdoar esse ideal e o nosso constante trabalhar pela sua realização. Dahi o odio implacavel com que em todos os tempos nos perseguiram. Por isso, através das mais variadas accusações que nas diferentes épocas e nos diferentes paizes serviram de pretexto á guerra contra a Companhia, os accusadores eram afinal sempre os mesmos: os inimigos de Deus e da Igreja catholica.

E' exemplo frisante o que está passando agora. Dizem que nós, jesuitas, somos os mais apaixonados adversarios da Republica, e que por isso é mistér tratar-nos com mais ri-

gor que aos outros. Mero pretexto! A Companhia de Jesus nada tem contra as instituições republicanas como taes. Quando o regimen absoluto dominava e predominava em todas as nações civilizadas, os grandes autores da Companhia, considerados ainda hoje como mestres nas sciencias philosophicas e theologicas, accentuavam nitidamente em suas obras os principios fundamentaes da democracia; e hoje nenhuma Provincia da Companhia têm maior prosperidade nem mais ampla liberdade que algumas situadas em territorio republicano.

Basta citar as cinco Provincias da Companhia de Jesus erectas nos Estados Unidos da America do Norte.

Não existe, pois, a pretendida antinomia entre os jesuitas e o regimen democratico.

Diz-nos-ão talvez que em Portugal nos mostravamos adversos á Republica.

Em primeiro lugar, a Companhia, onde quer que esteja, procede como a Igreja Catholica, acatando os poderes constituídos; e Portugal era uma Monarchia.

Mas havia outra razão mais forte para que não pudessemos ter sympathia para com o movimento republicano portuguez. E' que a Republica nos successos da historia não é a Republica nas especulações dos sociologos; quem faz concretamente a Republica são os republicanos. E o que eram os republicanos portuguezes, não digo algumas raras excepções, mas a maioria, a quasi totalidade dos organisadores e dirigentes? Homens declaradamente adversos á religião, e defensores do atheismo, ou, quando menos, do indifferentismo official do Estado. E podiamos nós, sem incoherencia—mais ainda—sem traição aos nossos



A Anunciação

Ave, gratia plena.

Ha uma oração emocionante e popular, que o mundo christão repete 3 vezes, ou ao menos uma vez em cada dia.

E' a oração do *Angelus*. Quando a luz matutina desponta, ou o sol chega ao seu zenith, e especialmente quando a tarde vae cahindo, a noite se avizinha, e a solidão da derradeira

hora do dia é interrompida apenas pela toada melancholica dos sinos do campanario, nessa hora de recolhimento, parece que nossa alma se volve para o céu, e recitamos secretamente a oração do *Angelus*:

Mas porque essa preferencia pelo *Angelus* na prece com que invocamos o auxilio divino e a assistencia de nossa Mãe commum?

E' que o *Angelus* contém a synth-

se dos dois mysterios mais profundos da fé christã, a annunciação á Virgem Maria de sua divina maternidade, e a incarnação de Nosso Senhor Jesus Christo.

Missus est angelus. Um archanjo, ou um seraphim?

Os theologos divergem, mas era o mesmo anjo que havia apparecido a Zacharias para lhe predizer a fecundidade de Santa Isabel; era o mesmo que, quinhentos annos antes, predissera a Daniel a época do advento do Messias. Foi o anjo Gabriel o mensageiro da vontade de Deus para que Maria concebesse como homem o verbo eterno.

Angelus Domini nuntiavit Mariæ, et concepit de Spiritu Sancto. Ave Maria.

Ecce ancilla Domini, fiat secundum verbum tuum. Ave Maria.

Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis. Ave Maria.

Eisahi a oração e os mysterios; a annunciação do anjo de Deus a Maria, o *fiat* ou o consentimento da Santissima Virgem, a incarnação ou a união hypostathica da divindade do Verbo com a natureza humana.

Nazareth, a pequena cidade da Galiléa, que a um tempo significa *retiro* e *flôr*, tinha de ser o theatro da scena majestosa, que foi o preludio do christianismo.

As figuras e as prophecias haviam annuciado não só a vinda do Messias, do Emmanuel, do Salvador, assim como que do seio de uma virgem nasceria o redemptor da humanidade.

Devia ser essa virgem a mulher de cuja raça procederia quem tinha de esmagar a cabeça da serpente infernal—*et ipsa conteret caput tuum*, como Deus promettera no proto evangelho.

Era figurada como a sarsa ardente, mas sempre verde, de Moysés; como

a vara de Arão, que flôrescia no interior do tabernaculo; como a arca da Alliança, o velo de Gedeão, o jardim clausurado de Ezequiel; como a Debora, a Judith, a Esther, a mulher libertadora do povo de Deus. Devia ser a amorosa esposa mystica dos canticos de Salomão, a rainha coroada dos psalmos de David, a virgem fecunda de Isaias, a haste de Josué, da qual havia de brotar a flôr perfumada do segundo paraizo.

Estava, pois, prevista de todos os tempos nos designios de Deus para o plano da redempção; e para que fosse a mulher privilegiada, que tinha de conceber em seu seio o Filho do Eterna, além da virgindade absoluta do corpo e da alma, foi concebida sem a macula do peccado original. Era a Immaculada.

Foi a essa creatura, elevada acima da natureza humana, com excepção apenas daquella com que depois se investiu o Filho de Deus para a obra da redempção, que o anjo Gabriel se dirigiu em desempenho da embaixada celeste.

Ave gratia plena, tal a saudação inicial do archanjo. Não a chamou pelo seu nome de Maria, mas pela santidade de sua pessoa.

Maria tinha a graça originaria de sua conceição immaculada; possuia no coração o sacrario de todas as graças difundidas por quem, como todo poderoso, a preparara para o seu divinal destino; ia ser a mãe de Deus, graça unica, extraordinaria, que a approximava da Santissima Trindade. Era pois o symbolo da summidade, da plenitude da graça—*gratia plena*.

Logo abaixo de Deus, que é a fonte de toda a graça, a Virgem Maria possuia, e possue, a integridade da graça.

Tota pulchra et perfecta eam inno-

centiae et sanctitatis plenitudinem prae se ferret, quo major sub Deo nullatenus intelligitur, et quam, praeter Deum nemo assequi cogitando potest. Bulla Inefabilis.

Tudo quanto ha de perfeição, ensina Santo Thomaz de Aquino, devia existir na Santíssima Virgem.

Maria, diz o padre Terrien, da Companhia de Jesus, é a flôr de graça da criação, da qual Christo é o fructo da vida; foi a essa flôr virginal que abotoou-se o fructo divino.

A essa creatura excepcional, repositório de toda a graça possível, foi que o Eterno Pae enviou o archanjo Gabriel, nome que significa a força ou a virtude de Deus, para convidal-a a ser no mundo terrestre a mãe do Verbo incarnado.

Não o ordenou assim por uma simples palavra— *fiat lux, crescite*. Não o quiz por deliberação mais demorada—*faciamus hominem*. Mandou por um anjo, que assistia ao seu throno—*missus est angelus*, solicitar a audiência da Virgem.

Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo, bemlita és tu entre as mulheres.

Maria se conturba com a saudação, não sabendo a que attribuil-a; e o anjo prosegue:

Não temas, Maria, achaste graça perante Deus. Conceberás e darás á luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Será grande e conhecido como filho do Altíssimo. O Senhor the dará o throno de David seu pae, reinará na casa de Jacob eternamente, e o seu reinado não terá fim.

A Virgem se aturdia cada vez mais. Tinha noticia exacta das prophcias que predisseram a vinda do Salvador; sabia que uma virgem scrirr mãe do Emmanuel esperado, e rogava Deus que a fizesse escrava dessa mulher feliz; porém, em sua profunda humildade, companheira inseparavel da graça, estava bem longe de pensar que fosse ella a predeterminada.

Na confusão do seu espirito apenas poudo se excusar com o seu voto e seu estado de virgindade.

Porém o anjo insistiu: *O Espirito Santo descenderá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te ensombrará. E por isso o Santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deus... Para Deus nada ha impossivel.*

Então a Virgem Immaculada, que ia ser a mãe da divina graça, pronunciou aquelle FIAT, que foi o signal e o acto da incarnation do Verbo de Deus no seu purissimo seio:

Ecce ancilla Domini, fiat secundum verbum tuum.

Apenas acabou a Virgem de falar, reflecte piedosamente Mgr. Gai, a divindade a envolveu. Como do FIAT de Deus se fez o universo, com o FIAT da Santa Virgem produziu-se todo o mysterio do Christo... A Virgem é mãe, o Verbo fez-se carne e habita connosco; Deus é um homem; um homem é Deus; a criação tem o seu rei, a Igreja seu chefe, o mundo seu salvador. O reino de Deus é fundado; o AMEN da eternidade começa na terra, e a ALLELUIA, que se entoa, não será jamais interrompida.

Ave, Maria, gratia plena.



Escavação historica

(MARÇO—7)

Aos sete de Março de mil oitocentos e oitenta, dia antecedente-mente designado por S. Ex. o Snr. Presidente da Provincia, presentes, as nove horas da manhã, no edificio destinado para nelle funcionar o Lyceu desta capital, os Exms. Srs. Presidente da Provincia, Barão de Maracajú, Bispo Diocesano Dom Carlos Luiz d'Amour, Director Geral da Instrução Publica Doutor Dormivil José dos Santos Malhado, os professores do Estabelecimento Antonio Corrêa da Silva Pereira, José Magno da Silva Pereira, Bellarmino Augusto de Mendonça Lobo, Antonio Corrêa da Costa, João Pedro Gardéz e José Estevão Corrêa, diversas autoridades civis e militares e pessoas gradas desta capital, o Sr. Presidente da Provincia abriu a sessão declarando, depois de uma breve allocução, estar installado o Lyceu Cuiabano da Provincia de Matto-Grosso creado pela lei provincial n. 536 de 3 de Dezembro de 1879.

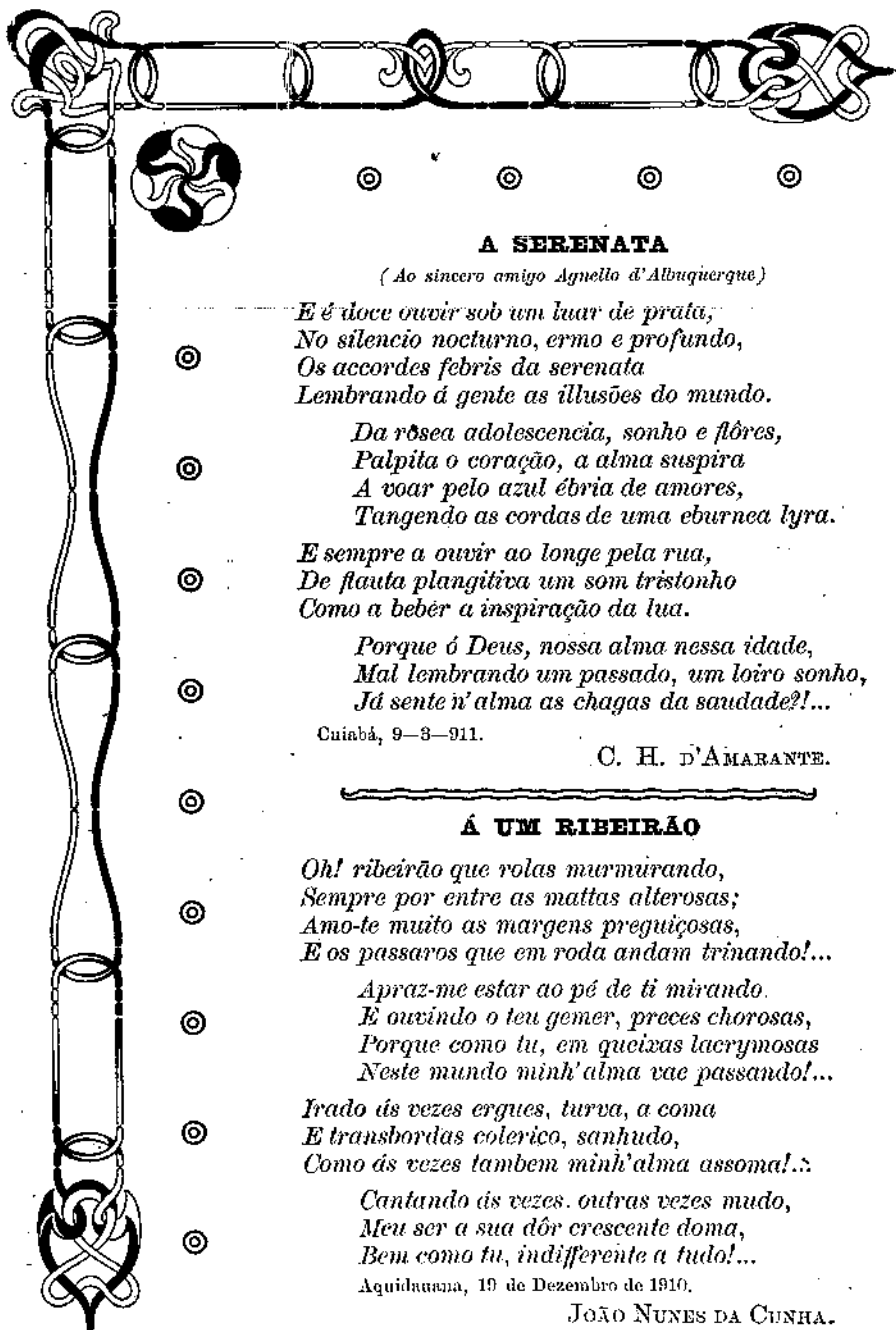
Em seguida o Sr. Director Geral da instrucção e do mesmo Lyceu, tomando a palavra, proferiu um discurso analogo no qual, fazendo sobresahir as vantagens que de uma tal instituição hão de em breve resultar para a mocidade desta Provincia, demonstrando ao mesmo tempo os notaveis melhoramentos introduzidos nos diversos ramos do ensino publico provincial pelo Regulamento expedido por S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia com a data de 4 do corrente.

Ao Sr. Director succedeu na tribuna o professor da cadeira de geo-

graphia e historia Antonio Corrêa da Costa que por parte da congregação dos Professores recitou igualmente um discurso analogo ao acto. A este seguirão-se successivamente com a palavra os Srs. Doutor August. Cezar de Padua Fleury, Padre Francisco Bueno de Sampaio e Doutor José Maria Metello, cada um dos quaes, occupando por sua vez a tribuna oratoria, alli proferiu uma allocução relativa aquella solemnidade.

Concluidas as orações e nada mais havendo a tratar-se, S. Ex. o Snr. Presidente da Provincia encerrou a sessão ás 10^h12 horas da manhã, ficando por esse modo terminado o acto de installação do referido Lyceu.

Do que para constar-se lavrou a presente acta que vai assignada por S. S. Exs. os Srs. Presidente da Provincia, Bispo Diocesano, Director do Lyceu, todos os membros presentes da respectiva congregação e os assistentes que a isso se prestaram. Eu, Manoel Ricardo Menacho Secretario da instrucção geral da Provincia, a escrevi e subescrevi.—Barão de Maracajú—† Carlos, Bispo de Cuiabá —Dr. Dormevil José dos Santos Malhado—Antonio Corrêa da Silva Pereira—José Magno da Silva Pereira—Bellarmino Augusto de Mendonça Lobo — Antonio Corrêa da Costa—João Pedro Gardéz — José Estevão Corrêa — Dr. José Maria Metello—Augusto Cezar de Padua Fleury—Padre Francisco Bueno de Sampaio—João de Souza Neves—Francisco Nunes da Cunha—José Maria Velasco—Manoel Gaudio Ley —Felix Benedicto de Miranda—Manoel Ricardo Menacho.



A SERENATA

(Ao sincero amigo Agnello d'Albuquerque)

*E é doce ouvir sob um luar de prata,
No silencio nocturno, ermo e profundo,
Os accordes febris da serenata
Lembrando á gente as illusões do mundo.*

*Da rósea adolescência, sonho e flôres,
Palpita o coração, a alma suspira
A voar pelo azul ébria de amores,
Tangendo as cordas de uma eburnea lyra.*

*E sempre a ouvir ao longe pela rua,
De flauta plangitiva um som tristonho
Como a beber a inspiração da lua.*

*Porque ó Deus, nossa alma nessa idade,
Mal lembrando um passado, um loiro sonho,
Já sente n'alma as chagas da saudade?!...*

Cuiabá, 9—3—911.

C. H. D'AMARANTE.

Á UM RIBEIRÃO

*Oh! ribeirão que rolas murmurando,
Sempre por entre as mattas alterosas;
Amo-te muito as margens preguiçosas,
E os passaros que em roda andam trinando!...*

*Apraz-me estar ao pé de ti mirando.
E ouvindo o teu gemer, preces chorosas,
Porque como tu, em queixas lacrymosas
Neste mundo minh'alma vae passando!...*

*Irado ás vezes ergues, turva, a coma
E transbordas colérico, sanhudo,
Como ás vezes também minh'alma assoma!...*

*Cantando ás vezes. outras vezes mudo,
Meu ser a sua dôr crescente doma,
Bem como tu, indifferente a tudo!...*

Aquidauana, 19 de Dezembro de 1910.

JOÃO NUNES DA CUNHA.

Fragmentos

GRAÇAS a Deus já está de todo cessado o movimento de revolta que agitou parte da nossa Armada e o Batalhão Naval. Já mesmo quasi não se fala mais nisso.

Foi um violento cyclone que passou rugindo, apavorando sinistramente a Capital Federal, mas que felizmente não durou muito.

As violentas commoções ou anniquilam de vez o organismo com a sua maior dose de choque, ou então se arrefecem, diante da predisposição forte de resistencia organica do corpo.

E foi assim com essa sublevação que não surtiu effeito.

Porém, eu não quero fallar nessas cousas melodramaticas, cheias de sangue, estampidos, deshumanidades e lamentos; eu não quero pintar na alvura deste papel a scena rubra e indigna desse alevantamento que estalou fundo o coração da Patria.

Muito ao envez, quero pelo assumpto que se segue, suppor a normalidade, a estabilidade do equilibrio social; quero em rapida synthese, fazer ao povo mattogrossense sciente de uma parte do bello programma apresentado pelo Exmo. Sr. Dr. Pedro Toledo, Ministro da Agricultura.

Matto-Grosso, incontestavelmente é o Estado que mais necessita ser, pelo olhar do eminente ministro, examinado, estudado, para a solução de variados problemas por si só, demasiadamente complexos, que o hesitam, o turvam, o impedem na gloriosa marcha do seu desenvolvimento.

Entre esses problemas, é certo, ha

que estão em primeira plana: o povoamento do sólo, e a facil communicação.

Eis aqui a trama que lhe impede, eis aqui a tecelagem do véo opaco que obscurece a passagem nos caminhos. Eu sonho Matto-Grosso numa vertiginosa marcha para o progresso e engrandecimento. E' uma riquissima estatua mixta, complexa de tudo; de rico, de opulento, de magestoso, envolto naquelle véo obscurecedor, que lhe vela a face e a silhueta. Rasgado o véo, inaugura-se a estatua deslumbrante.

Fala em primeiro lugar, o eminente ministro, sobre a colonisação, povoamento das partes deshabitadas do Brasil.

Elle quer uma colonisação geral que se ramifique por todos os outros Estados, fazendo cessar, o que até agora se viu: a emigração europeia só para os Estados do sul. Não, elle quer o desenvolvimento commum, elle quer que de todos os lados sinta o nosso Brasil a agitação do movimento da vida. Conceder privilegios daquelle ordem é desconhecer o valor, o solo uberrimo dos Estados do centro e do norte.

Dir-se-á que a influencia climaterica prohibe a immigração para Matto Grosso. Nunca, Matto Grosso pode acolher desde o inglez até o africano do centro. Assim todo o alto da serra, toda essa região bellissima e productora do café que rivalisa ao paulista, estará prompto a receber os habitantes dos paizes frios. Os outros irão se fixando pelos diversos pontos mais ou menos temperados e quentes.

O italiano, por exemplo, resiste indifferentemente o mais acirrado verão mattogrossense, pois, a estação calmosa paulista, elle a resiste perfeitamente. E affirmo isto, porque quanto ao calor, a nossa paulicêa faz *pendant* à Corumbá, que pela sua topographia e pela feição geologica, é indiscutivelmente um dos pontos mais quentes do nosso Estado habitado.

O elemento italiano, desta maneira, pela tendencia á agricultura poderá estabelecer-se nas zonas banhadas por grandes rios, que deverão ser saneadas afim de não o amedrontar.

O que não deve faltar, é concessão de favores, para que esses homens fiquem captivos da nossa terra, o que é o mais seguro meio de atrahir a corrente emigratoria. Uma carta do immigrante, com boas referencias ao lugar, vale mais que centenas de libras espalhadas pela Europa, a titulo de *reclame*. O ouro desconfia o immigrante, faz brotar serias conjecturas, em desabono á causa, que se lhe arrefecem o animo. Assim, ao immigrante que se entrega á agricultura, deve-se o fazer proprietario territorial, para que haja melhor disposição e trabalhe com afinco, prevendo, pela uberdade do sólo, ondularem searas amarellas.

A par de todos esses favores, devo accrescentar um dever primordial, essencial sem o que não passará isso de um mero supplicio de tantalo: ver tudo isso sem auferimento de proveitos, devido a circumstancias de um character ignominioso. Falo aqui da protecção individual, da garantia da personalidade, de segurança da liberdade que é a fonte do direito. Os assaltos á propriedade, o roubo, o assassinos errantes pelos

campos são cousas incompativeis com a solução do grande problema. E' o *revenant* mais diabolico que amedronta o immigrante rural. Protegida a liberdade, amparado o immigrante, garantida a sua expansão moral, material e intellectual, de direito, incontestavelmente começa a lapidação do grande diamante, começa a grande tarefa, que salvada, será Matto-Grosso um verdadeiro orgulho á nossa Patria, o primeiro Estado do Brasil.

De parte essa questão arida da imigração, não vai mal que se abarque a uma não menos actual: o cinematographo.

Por todos os recantos, hoje, do nosso Brasil, ha essa instructiva diversão que já empallidece o brilho dos *vaudevilles* com os seus engraçados *couplets* que sulcam a cachoeira das palavras prosadas. As operetas mesmo, já vêm grandes claros na sua platêa outr'ora literalmente cheia.

Todos, á noite, querem gozar a fresca tranquillidade do ar, todos á noite, querem abandonar por um instante a casa, sua fiel companheira durante todo o longo dia de sol ou de chuva ou de frio; querem demorar o olhar a um panorama mais colorido e poetico, esquecendo-se do positivo incolor domestico que lhes cercara horas e horas.

E pelo cinema a onda humana se patentea, desde as *toilettes* feitas, a geito, pelo ultimo figurino parisien-se com os seus *jupons entravés* até o larapio descalço, bonet ao lado da enorme cabelleira despenteada, ginguando, que pede aos que chegam um *quinhenção* para ver uma fita de *Am-brosio*. O salão regorgita e ainda engole gente que vai furando a grande mola humana que se queda silenciosa no escuro de breu, convergin-

do o olhar á tela mysteriosa, cheia de luzes bonitas, de instrucções accessíveis á toda intelligencia, de vistas empolgantes e comicas, cortadas por sombras momentaneas.

Mas, em falar em fitas bonitas, ha uma que alcançou um verdadeiro successo. Intitula-se—Do Rio a Matto-Grosso.— E' o resultado de uma viagem pelos nossos sertões e florestas. Matto-Grosso se ostenta em toda a sua exhuberancia, com toda a força da sua natureza pujante, florescente e tropical. Os rios são de uma verdadeira belleza. Orlados de matta verde e basta cheia de flôres e passaros, se deslizam brunidos, metallicos, nalguns pontos fremin-do em ondas sonoras, e por cima debruçada, grande, concava, profundamente azul se estende a umbella do céu.

O salto do Itapura merece especial menção. A rugidora e enorme cachoeira se desenhia magestosa, empolgante, nitida. As pedras limosas apparecem deliciosamente apanhadas, atravez da bruma fina que se levanta do choque daquella extraordinaria quantidade d'agua. As espumas como lyrios ephemeros sobem á tona num borbulho fragoroso. E a cachoeira vertiginosamente desabalada corre aos encontros, tanta rugindo, solta a vasta cabelleira, fluctuante de espumas, cuspidando insultos ao céu bondoso e azul, para lá mais adiante quedar-se reconcentrada, meditativa, como uma pessoa que tivesse cahido sobre si depois de uma violenta borrasca na alma.

S. Paulo—24—I—011

Olegario de Barros.



Enterro de D. Rui.



No parlamento Italiano

Em extenso telegramma ao jornal do Brasil noticia o correspondente de Roma, em data de 5 de dezembro, ao mesmo jornal, o seguinte: na sessão de hoje, da Camara dos deputados, o Sr. Calissano, Sub-Secretario do Interior, respondendo ao Sr. Eugenio Chiesa, que criticou o facto das autoridades terem assistido aos funeraes de P. Rua, em Livorno, declarou que os funcionarios publicos que foram convidados para assistir aos funeraes acceitaram o convite e compareceram juntamente com todos os demais cidadãos, pois tratava-se de uma piedosa homenagem á memoria de um verdadeiro luminar da caridade.

Neste ponto do discurso, o Sr. Chiesa interrompeu o orador criticando-o por encorajar a submissão á Ordem Salesiana.

Levantaram-se logo grandes protestos, sendo o Sr. Marcora, Presidente da Camara, obrigado a protestar contra as afirmações do Sr. Chiesa.

Proseguindo o seu discurso, o Sr. Calissano replica que a cerimonia não teve character algum politico, tanto assim que o Municipio de Turim commemorou tambem a memoria de Padre Rua. Este discurso foi muito applaudido e o orador muito complementado.

Jornaes da Europa ultimamente aqui chegados reproduzem na integra a viva discussão e mostram até a ultima evidencia ter sido a mais bella apothecose que o parlamento italiano, exceptuado o anti-clerical Chiesa, podia prestar a um luminal de Sacerdote, o P. Rua, verdadeiro benemerito da humanidade.

Estado do Espirito Santo

Extrahimos da bella "Revista Social" órgão da mocidade, editada no Rio de Janeiro, a seguinte noticia que, vem comprovar mais uma vez quanto o povo do Espirito Santo, deve de gratidão ao estorçado e eminente Dr. Jeronymo Monteiro, illustre presidente d'aquelle florescente Estado.

No dia 31 de Dezembro, ás 7 horas da noite, na Cathedral do Bispado, S. Ex. o Rvmo. D. Fernando Monteiro, estimado Bispo da diocese, pontificou no solenne *Te-Deum*, em acção de graças por todos os beneficios dispensados pelo Altissimo ao povo espirito-santense durante o anno que terminava. A este *Te-Deum* assistiram, além de grande numero de senhoras e seuhoritas, o Sr. Dr. Jeronymo Monteiro, digno presidente do Estado, acompanhado dos seus secretarios, o presidente do Congresso, varios ministros da côrte de justiça e diversos deputados, o prefeito da Capital, o chefe de policia, o delegado auxiliar, o delegado da Capital e muitas outras pessoas.

No dia 1.º de Janeiro, ás 8 horas da manhã, no pátio central do Quartel do Corpo Militar de Policia, que serve tambem de penitenciaria, foi celebrada uma missa a que assistiram todos os sentenciados e tambem o Dr. chefe de policia, o delegado da capital e grande numero de officinaes.

A tarde foi offerecido aos presos um lauto jantar, durante o qual foram elles servidos pelas principaes senhoras e seuhoritas que constituem a benemerita "Associação das Damas de Caridade". Verdaderamente encantador esse espectáculo de tantas seuhoras distinctissimas, entre as quaes a Exma. esposa do Sr. Presidente do Estado, a servirem aos infelizes sentenciados, com o mesmo carinho, com a mesma attenção com que serviriam as mais altas personagens do mundo!

Varios presos choravam copiosamente, sendo que um d'elles vin-se forçado a abandonar a mesa. Oh! aquellas lagrimas!... O Dr. Thiers Velloso, dignissimo deputado Estadual, dirigiu aos presos uma brilhante peça oratoria, fazendo-lhes sentir o alto valor da festa que lhes offereciam as "Damas de Caridade".

Os tres dias seguintes ao dia de "banno bono" foram decretados feriados pelo exmo. Sr. Dr. Jeronymo Monteiro. Nesses dias as classes pobres da Capital foram favorecidas com espectaculos gratuitos e a preços reduzidos nas diversas casas de diversões, espectaculos esses offerecidos pelo Sr. Presidente do Estado. As passagens nos bondes e nas lanchas tiveram, durante os tres dias, o abatemento de 50 o/o.

Por todos esses factos a população de Victoria mostra-se muito grata ao illustre Sr. Dr. Jeronymo Monteiro.

Exemplo eloquente

De uma correspondencia particular publicamos esta noticia:

«Na ultima quinta-feira de novembro, a America do Norte, em forma official, renmin-se na Igreja de S. Patricio em Washington, para agradecer a Deus os tantos beneficios do anno ultimo passado.

O Presidente dos Estados Unidos, e a exma. senhora Taft, seis membros do Gabinete Presidencial, e o corpo diplomatico das 14 Republicas da America Latina, ouviram a S. Missa em Washington e assistiram á oração sobre a paz proferida pelo Rmo. Xs. Currier, O Cardinal e o Delegado Apostolico assistiam do presbyterio.

Um jornal de Washington escreve: «Nunca via-se na America scena mais grandiosa do que esta na qual figuravam homens que tem nas mãos o maior poder temporal do mundo, voluntaria e livremente ajoelhados para receber a benção de um homem de veneranda eás, revestido de purpura, e que hoje representa o poder espirital da Igreja catholica nos Estados Unidos.

Collegio S. Thereza

Esse importante Estabelecimento de ensino secundario teve, a 30 de Janeiro ultimo, a honrosa visita dos Exms. Srs. Drs. Costa Marques e Senador Antonio Azeredo. O merecidamente conceituado jornal "Correio do Estado" que n'essa cidade se imprime noticiando a visita assim se exprime:

«Segunda-feira, 30 do mez passado, ás 9 horas da manhã, s. s. excels., acompanhados dos srs.

coronéis João Pinto de Almeida e Pedro Paulo do Melchior e de outros amigos, visitaram o Collegio Salesiano Santa Thereza.

Amavelmente recebidos pelo director do estabelecimento revmo. padre José Tannhuber, corpo docente e alumnos respectivos, que formavam extensas alas, a briosa *Schola Cantorum*, em homenagem de juvenil patriotismo, executou com a companhia de piano o himno da Republica, cujas ultimas notas foram coroadas de prolongadas palmas.

Em nome de seus collegos, dirigiu aos distinctos visitantes uma expressiva allocução de agradecimento o intelligente alumno do 2.º anno ginasial José Lapaquial, cujo desenvolvimento tem caracterizado em diversas occasiões.

Em resposta, o exmo. sr. dr. Costa Marques, com inspiradas phrasas, agradeceu aos jovens alumnos representados pelo novel orador, dirigindo á juventude collegial palavras de estímulo, alim della proseguir com perseverança na senda luminosa da sciencia e do dever.

O senador Azeredo, como prova de sympathia que nutre pelas obras do veneravel D. Bosco, ergueu um expressivo viva ao padre Antonio Mallan, digno Inspector da Missão Salesiana neste Estado, sendo calorosamente correspondido.

Em seguida os alumnos se dirigiram ás respectivas aulas, onde foram ainda gentilmente visitados pelos illustres matto-grossenses. Depois de percorrer os diversos salões e dependencias do estabelecimento, despediram-se os distinctos visitantes, deixando no Collegio Salesiano a maior satisfação pela subida honra de sua gentilissima visita.

A estagnada directoria do Collegio S. Thereza que tanto trabalha para o adiantamento moral e intellectual da mocidade cornubiense, cheguem os nossos applausos e votos de novos triumphos.

O espirro

Os fabulistas diziam que Prometheu tendo-se apoderado dum raio de sol e havendo-o fechado num vidro, o chegou ao nariz da sua estatua para lhe dar a vida: que o primeiro signal de vida que deu a estatua foi um espirro; e que Prometheu absorto lhe dissera, não importa em que lingua, — *que te aproveite*.

Seria desta fabula, que gregos e romanos derivaram o costume de saudar os que espirram? Talvez.

Os gregos em similhante caso diziam — *elrei*, ou *Jupiter vos conserve*, e os romanos *salve*, (tenha saude).

Diz-se também que no século XVI houvera uma peste contagiosa, que fazia grandes estragos em Roma. Um dos symptomas da enfermidade era o espirro, e a esta função natural seguia-se a maior parte das vezes a morte do atacado. Provirá daqui o costume, que anda hoje em voga, de dizer ao que espirra — *Dominus tecum?* (o Senhor seja contigo). Não o ousamos afirmar, porque em nações muito distantes, de diferentes religiões, o desconhecedoras dos nossos costumes, vemos o uso estabelecido de saudar os que espirram.

Os siameses, por exemplo, contam que depois da morte comparecem as almas deante dum juiz que examina os seus merecimentos, e que estas espirram quando se lhes dirige a palavra.

Compreende-se depois disto o costume que tem os siameses de desejar boa fortuna aos que espirram.

Na Mesopotamia se o rei espirra, todos os que estão presentes o saudam com grandes gritos, que são repetidos por quantos os escutam, e successivamente em toda a cidade.

Quando os Hespanhoes conquistaram Florida acharam já estabelecido entre os indios o costume de saudar os que espirram: quando espirrava um Cacique estendiam os braços e pediam ao sol que o favorecesse.

Deu-se tal importancia ao espirro que se considerava também de bom ou mau presagio, segundo as circumstancias que o acompanhavam. Vê-se da Odissea (L. 17). Espirrar á direita d'uma pessoa era bom agouro, e espirrar á esquerda, mau. Catulo falando de Septimio, que por fim conseguiu ser amado de Armé, diz que foi porque o Amor, que sempre tinha espirrado á esquerda, manifestou uma vez a sua complacencia espirrando á direita.



Origem do vocabulo larapio

O vocabulo larapio tem dois mil e tantos annos de existencia, pois foi creado dois seculos antes da nossa era.

Havia um pretor em Roma chamado *Laelius Amarus Rufus Apius*, que usava a seguinte rubrica:

L. A. R. Apius. Como o pretor fosse um refinado gatuno, o povo romano contemporaneo dello formou de sua rubrica, o vocabulo *larapius*, que applicou a todos os larapios.

Pagina Escolar

Nomes dos alumnos do Lyceu Salesiano de Artes e Officios "S. Gonçalo" que se distinguiram

no 2.º Concurso, realizado no mez de Março do 1911.

VI ANNO

- 1.º Alvaro Prado d'Oliveira
- 2.º Albano Antunes d'Oliveira, e Mariano Augusto de Figueiredo
- 3.º Antonio Pancrácio d'Arruda

V ANNO

- 1.º Plinio d'Almeida Castello
- 2.º Antonio Mariano de Souza
- 3.º Lamartine Ferreira Mendes

IV ANNO

- 1.º Paulo Constantino Galvão
- 2.º Egydio José de Figueiredo
- 3.º Abilio Leite de Barros

III ANNO

- 1.º Pedro Ivo Rostey
- 2.º Alfredo José da Silva
- 3.º Avidio Mello, e Lafayette José da Silva

II ANNO

- 1.º Timotheo Rostey
- 2.º Alinor de Lima Bastos
- 3.º Joaquim Alves Villas-Bôas

I ANNO

- 1.º Benedicto Augusto London
- 2.º Josephi Nunes Ribeiro
- 3.º Jorge Bieudo Filho

Complementar

- 1.º Annibal Gomes Bezerra
- 2.º Generoso d'Oliveira Ponce
- 3.º Benjamin Koeller

Elementar

- 1.º Waldemiro Ferreira Mendes
- 2.º Thiago Marques
- 3.º Antonio Alves de Siqueira

Superior

- 1.º David Lacerda
- 2.º Antonio Ponce
- 3.º José Lino de Couto, e Aristides Guimarães

Inferior

- 1.º Generoso Fontes
- 2.º João da Silva Guimarães
- 3.º Alfredo Magalhães, e José Osorio

CONDUCTA

Lower

Antonio Leite de Barros, Leonidio José Rodrigues, Joaquim Alves Villas-Bôas, Pedro de Souza Bruno, Annibal Gomes Bezerra, Trajano R. Ferreira, Benedicto Seixas Guimarães e José Osorio.

Optima

Francisco Alves de Castro, Leonidas Antero de Mattos, Antonio Mariano de Souza, Athayde de Lima Bastos, Egydio José de Figueiredo, Pedro Ivo Rostey, Alinor de Lima Bastos, Alfredo Corrêa Pacheco, Aristides Pina, Josephi A. M. Nunes Ribeiro, Alcides Leite Pereira, Benjamin Koeller, Benjamin Rangel, Adelino C. Muniz, Constantino Brülle, Generoso de Oliveira Ponce, Jayme Ferreira Barbosa, João Benedicto Carneiro, João Leonides, José de Moraes e Castro, Joaquim Paes de Barros, Odilon Gardês, Thiago Marques, Benedicto Seixas Guimarães, Manoel Deodoro Koeller, Pulcherio Pinto de Campos, Waldemiro Ferreira Mendes, Antonio Alves de Siqueira, José Lino de Couto, José Osorio, José Paes de Barros e Alfredo Magalhães.

Roteiro da navegação

DO

Rio Paraguai

De Itapicuaussú para cima

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVÃO de MENDONÇA



IV PARTE

(Continuação)

1 m. abaixo do rebojo hum entra na m. e. braço de pouca largura, e em que as vezes achão-se escassamente 4 p. de fundo. Seguindo pela madre, por fundo de 30 a 50 p., deixando á esquerda huma ilhota, com andar de 4 a 4 1/2 m. chega-se á bocca da bahia do *Periquito* e pouso do mesmo nome, defronte do qual está a bocca inferior do supracitado braço.

Aqui principia huma grande e notavel volta do rio, dirigindo-se a N. E. e voltando depois a SE. O. S. e Leste.

Do pouso do *Periquito* ao do *Espungeiro* na bocca de huma pequena corixa na m. e. ha 5 1/2 m. que se navega com fundo de 30 p. para mais; sendo que 1 1/2 m. antes de chegar ao *Espungeiro*, passa-se hum pequena ilha, em cujo braço direito não ha mais que 15 a 20 p.; no esquerdo desagoa huma bahia.

Abaixo do *Espungeiro* 1 1/2 m. ha huma ilha, a qual deve-se dar algum resguardo, e deixal-a á direita, navegando por fundo de 30 p.; o comprimento da dita ilha he de proxi-

mamente 1 1/2 m. perto da sua extremidade inferior ha na m. d. uma bocca de bahia.

Navegando mais 4 m. com fundo de 40 p. e mais, e passando huma bocca de bahia na m. e., dá-se com outra ilha, á esquerda da qual deve-se passar, havendo no canal de 15 a 20 p. de fundo. Nesta altura forma a m. d. huma enseada em que se veem varias ilhas e boccas de bahias. Continuando-se a navegar pela esquerda, depois de passar a ilha vai-se achando fundo de 40 p. para mais até o pouso do *Algodoad*, na m. d., o qual dista de 11 a 12 m. do *Espungeiro*.

Uma e meia milha abaixo do *Algodoad*, ha uma ilha, cujo braço da direita he muito baixo e tem varias ilhotas na sua parte inferior, que dista da superior quasi 2 m. O braço esquerdo tem de 25 a 30 p. de fundo.

Pouco adiante da dita ilha, entra na m. d. hum braço direito porem assaz fundo, que atalha a navegação tendo 5 m. de extensão, e havendo 7 m. na volta que dá a madre. Seguindo por esta acha-se fundo de 30 a 40 p.; defronte da bocca inferior do braço ha huma ilhota e alguns bancos de area, que dão passagem por ambos os lados.

Daqui até o *Capão* e barranco chamado *Rabo de Ema*, na m. d., ha 4 m. de distancia; o fundo he de 30 a 40 p. Nota-se, neste intervallo, hum ilha muito proxima da m. d. O *Rabo de Ema* he lugar que não alaga; he frequentemente visitado pelos *Cadiués*.

Continúa o fundo de 30 p. Em distancia de 3 m. destaca-se pela m. d. hum bracinho navegavel só para canoas pequenas, o qual volta ao Paraguay na altura de *Olimpo*. Vai pela m. e. outro braço por onde se pode navegar tão sómente nas chie-

as; defronte da bocca inferior deste braço que dista 11½ a 2 m., entra outro pela m. d., e logo abaixo faz barra na m. e. o rio chamado do *Paula*, ou do *Queima*.

Quasi 3 m. abaixo desta barra está na m. e. a bocca do chamado *Rio Branco*, o qual não he mais que humma larga e extensa sanja. A corrente que se manifesta na sua foz provem de dous pequenos braços do Paraguay que entrão nelle hum pouco acima da dita foz. Uma e meia m. mais abaixo desagoa na mesma margem humma bahia que os Paraguayos chamão de *las Animas*; 3 m. adiante entra tãobem na m. e. o braço *Sarã*; e em pouco mais de 1 m. de distancia, está na m. d. o *Forte de Olimpo*. A meia distancia entre a bocca da bahia e do braço ha humma ilha muito proxima da m. d. Desde o rio branco acha-se fundo de 50 p. menos na visinhança da dita ilha onde ha tão sómente 20 palmos.

A largura do rio defronte de Olimpo, he pouco mais ou menos de 100 b., o fundo he de mais de 90 palmos.

Uma e meia m. abaixo de Olimpo, ha humma ilha muito raza que se deixa á esquerda: 2 m. adiante está a bocca inferior do braço *Sarã*. Com mais 3 m. de andar chega-se ao *Banco guassú*, baixio de arêa que

está no meio do rio; passa-se agora do lado direito, porem o canal he mudavel. Defronte da extremidade inferior do dito banco entra na m. d. humma grande bahia. Dahi navegando 13 1½ m. e passando neste intervallo humma bocca de bahia à direita e outra á esquerda, chega-se a humma ilha de 2 m. de comprimento; póde-se passar por hum e outro braço, logo abaixo ha humma bocca de bahia na m. e.

Depois ter andado mais 5 1½ m. he preciso resguardar-se da m. e. por causa de humma ilha raza e um baixio de arêa que bordão a dita margem; assim como de duas restingas de pedra que, avanção no rio defronte do morro *Pão d'Assucar*. Com andar de 5 m., desde a ilha, chega-se ao *Fecho dos Morros*.

Nos dous canaes que forma a penhascosa ilha que fronteia pelo lado direito hum monte isolado, e pelo outro huns grupos de morros, ha bastante fundo; porem no da esquerda ha pedras que difficultão a navegação, o da direita he mais limpo; he preciso tãosómente não chegar-se muito a beira do rio; a largura deste canal he de 50 braças, mais ou menos, e o seu comprimento perto de 1 m.

(Continúa)



Observações feitas as 0h. M. de Greenwich

NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E
transmittidas diariamente ao observatorio "D. BOSCO"

LAT. = 22° 54' 32" S. LONG. = 43° 10' 34" W GRW. ALTITUDE = 64m, 159
Hora local 9 h. 07m a.

Dezembro 1910	Thermometro								Vento		Estado atmospherico	Meteoros	Nuvens quantidade
Barometro A 0°	Secco	T—T°	Humidade relativa	Tensão do vapor	Maxima	Minima	Oscillação da temper.	Dirrecção	Força (escala de beaufort)				
1	58.7	19.0	1.4	86	14.11	21.5	17.8	3.7	NNE	2	b	x	5
2	50.7	21.4	3.2	72	18.60	22.7	17.6	5.1	"	2	"	"	2
3	55.3	21.9	3.0	73	14.42	22.5	18.7	3.2	"	1	"	"	4
4	52.6	23.1	3.4	71	14.96	26.1	19.6	6.5	"	3	"	"	3
5	52.2	26.8	5.6	58	15.29	29.9	19.9	1.00	NNW	1	"	"	4
6	53.7	23.7	1.6	86	18.79	30.7	22.3	8.4	"	2	i	"	10
7	52.9	27.9	3.4	74	20.78	28.3	16.1	1.22	"	0	"	nvt	10
8	57.8	21.9	2.0	82	16.02	28.6	20.6	8.0	NNE	1	b	x	7
9	55.8	22.0	3.2	72	14.28	22.9	19.4	3.5	"	1	"	"	2
10	55.9	22.4	3.0	74	14.91	27.3	19.6	7.7	NNW	2	"	chs	4
11	55.5	24.2	7.0	46	10.32	32.9	19.8	13.1	NW	2	"	x	4
12	53.1	24.9	3.2	74	17.37	30.7	21.0	9.7	"	0	i	"	10
13	54.2	28.7	8.0	44	13.25	25.3	21.6	3.7	"	0	"	nvt	10
14	55.0	21.9	3.2	72	14.10	24.5	21.7	2.8	WSW	2	"	chl	9
15	57.0	23.0	6.0	52	10.76	24.9	19.7	5.2	SSE	3	b	x	6
16	59.8	21.8	2.8	75	14.63	24.9	18.9	6.0	NNW	2	"	"	4
17	58.6	21.7	4.2	63	12.33	26.0	18.8	7.2	SW	2	"	"	7
18	59.1	23.2	4.0	66	14.09	24.2	19.1	5.1	N	1	"	"	2
19	54.9	22.4	4.4	63	12.66	24.1	19.7	4.4	NW	1	"	hs	0
20	54.8	21.2	3.6	70	15.84	28.4	19.0	9.4	NNW	2	"	ch	3
21	56.5	23.6	2.2	81	17.62	28.7	21.0	7.7	NNE	1	i	x	8
22	56.9	22.4	1.2	89	18.00	24.5	22.0	2.5	NE	1	el	nvt	10
23	53.6	22.8	1.6	86	17.75	24.5	21.4	3.1	NNE	10	i	x	10
24	55.3	23.4	2.2	81	17.38	25.9	25.1	0.8	N	2	b	"	3
25	58.9	21.7	4.2	63	12.30	25.0	18.8	6.2	SSW	2	"	"	7
26	55.4	25.0	3.0	76	17.81	24.8	20.7	4.1	NNE	1	"	"	8
27	54.3	28.2	7.2	50	14.07	29.4	22.1	7.3	WNW	5	"	"	8
28	53.2	28.8	6.6	54	15.83	32.1	23.7	8.4	"	10	i	"	9
29	53.1	24.6	1.6	87	19.90	32.1	25.7	6.4	NE	1	"	nvt	10
30	55.1	25.2	2.4	80	19.14	26.6	22.8	3.8	"	0	"	x	8
31	52.3	22.6	1.4	88	17.87	26.6	22.0	4.6	NE	1	"	chs	8
Med.	55.2	23.6	3.5	71.2	15.65	26.6	20.5	6.1	—	2.0	—	—	6.2

Observações particulares

Choviscou e choveu na manhã do dia 22.

OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Offícios

Em Curitiba, Estado de Matto-Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Sylvio Milanese

Observações feitas durante o mez de Dezembro de 1910.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235m, 02 LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de observações por dia às 7 a. m., às 2 e 9 p. m. hora local

TABELLA I

Dezembro 1910	Pressão barométrica reduzida à 0° cent.					Temperatura centigrada, à sombra				TEMP. SOL OSCILAÇÃO	Humidade relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da Temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Media
1	43.04	42.39	41.57	42.33	1.47	27.4	29.9	25.0	4.9	7.8	88	72	83	81.0
2	42.39	40.77	40.64	41.26	1.75	27.8	30.7	25.0	5.7	6.5	84	65	76	75.0
3	41.38	40.57	40.90	40.95	0.81	29.0	32.3	25.7	6.6	2.2	81	76	83	80.0
4	47.33	39.61	41.09	42.67	7.72	28.4	31.2	25.6	5.6	7.6	87	72	85	81.3
5	41.09	41.95	42.83	41.95	1.74	26.6	29.8	23.4	6.4	7.3	90	81	87	86.0
6	45.04	45.16	46.01	45.40	0.97	24.9	26.7	23.1	3.6	4.6	90	82	85	85.6
7	47.43	46.28	45.69	46.46	1.74	23.9	25.5	22.3	3.2	7.0	91	78	88	85.6
8	46.38	44.30	43.61	44.76	2.77	24.6	26.6	22.6	4.0	8.5	91	75	86	84.0
9	45.18	42.89	43.80	43.95	2.29	26.7	30.0	23.5	6.5	8.6	90	73	87	83.3
10	45.50	43.94	44.23	44.55	1.56	27.5	30.6	24.4	6.2	7.2	88	75	78	80.3
D. 1ª	44.47	42.78	43.03	43.42	2.28	26.6	29.3	24.0	5.3	6.7	88.0	74.9	83.8	82.2
11	44.68	43.20	44.19	44.05	1.48	27.5	30.5	24.5	6.0	6.7	85	76	84	81.6
12	44.42	42.12	43.85	43.46	2.30	27.2	29.8	24.7	5.1	8.8	90	80	90	86.6
13	44.42	43.33	43.40	43.71	1.09	26.4	28.4	24.4	4.0	3.6	88	93	92	91.0
14	43.08	42.96	43.50	43.18	0.54	26.1	28.2	24.0	4.2	7.5	92	81	89	87.3
15	44.88	42.93	44.68	44.16	1.95	26.7	29.0	24.5	4.5	9.7	83	75	87	81.6
16	45.90	43.88	45.75	45.17	2.02	27.3	30.0	24.6	5.4	9.1	90	75	88	84.3
17	45.82	43.88	44.11	44.60	1.94	26.9	29.8	24.0	5.8	12.2	91	71	89	83.6
18	44.06	42.46	42.79	43.10	1.60	27.4	30.5	24.4	6.1	10.0	85	67	76	76.0
19	43.48	41.45	42.33	42.42	2.03	29.2	32.5	25.9	6.6	9.4	81	68	82	77.0
20	43.77	43.03	43.13	43.31	0.74	28.7	31.7	25.7	6.6	9.4	85	69	82	76.6
D. 2ª	44.45	42.92	43.77	43.71	1.56	27.3	30.0	24.6	5.4	8.6	87.0	75.5	85.9	82.7
21	44.32	42.81	43.53	43.55	1.51	28.1	31.8	24.5	7.3	9.8	90	73	86	83.0
22	43.08	43.14	43.45	43.22	0.37	27.7	30.0	25.4	4.6	8.3	85	68	86	79.6
23	41.69	39.27	41.12	40.69	2.42	28.3	31.2	25.5	5.7	10.0	87	67	83	79.0
24	41.23	40.15	41.01	40.79	1.08	28.7	31.6	25.9	5.7	9.5	86	65	80	77.0
25	48.46	43.50	41.49	44.48	6.97	29.6	32.7	26.6	6.1	11.6	86	48	77	70.3
26	42.58	41.40	42.77	42.25	1.37	29.9	33.3	26.5	6.8	7.8	80	65	76	73.6
27	43.99	41.94	42.45	42.79	2.05	29.8	32.8	26.9	5.9	9.1	76	68	84	76.0
28	44.19	42.86	42.99	43.34	1.33	29.7	33.2	26.3	6.9	5.9	81	68	77	75.3
29	45.19	43.98	44.44	44.53	1.21	28.5	31.7	25.3	6.4	6.5	80	67	77	74.6
30	45.98	43.33	44.96	44.75	2.65	27.9	30.3	25.5	4.8	6.1	81	66	76	74.3
31	45.73	43.15	45.47	44.78	2.58	28.5	30.8	26.3	4.5	13.5	81	67	88	78.6
D. 3ª	44.22	42.32	43.06	43.20	2.14	28.7	31.7	25.8	5.9	8.9	83.0	65.6	80.9	76.4
MEZ	44.37	42.67	43.29	43.44	1.99	27.5	30.3	24.8	5.5	8.1	86.0	72.0	83.5	80.4

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA II

Dezembro 1910	Vento Direcção - Força				Nebulosidade Faz. ant. - Fração				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Med. m.	Abrigo		Exp.	
1	— 0	SSW 2	E 3	NK 9	Ke 8	S 4	7.0		0.6	2.0	
2	N 3	NW 2	NNE 2	SC 5	« 8	C 4	5.6		2.6	3.6	
3	« 6	W 7	ESE 3	NK 9	NK 8	N 4	7.0		2.0	7.2	
4	« 5	NNW 8	S 5	KN 10	CK 10	N 10	10.0	10.2	1.2	6.2	
5	NE 7	WNW 6	NW 3	N 10	Ke 10	Ke 7	9.0	19.2	1.2	3.3	
6	NNW 4	SSW 6	— 0	KN 10	KN 8	C 2	6.6	3.8	0.6	2.0	
7	S 3	SW 6	— 0	« 10	« 10	« 1	7.0		0.8	1.4	
8	— 0	SSE 6	— 0	CS 10	Ke 9	Ke 4	7.6		0.4	2.2	
9	ESE 1	S 3	NNE 2	KN 10	Kn 8	« 10	9.3	16.8	0.6	3.4	
10	NNW 5	W 4	NNW 5	Ke 9	Ke 8	« 5	7.3		0.4	2.6	
D 1ª	N 3.4	E SSW 5.0	NNE 2.3	KN 9.2	Ke 8.7	Ke 5.1	7.6	50.0	1.0	3.3	
11	NNW 5	N 5	— 0	KN 10	K 6	NK 9	8.3		1.4	5.4	
12	N 5	WNW 2	N 5	N 10	NK 9	« 10	9.6	7.6	1.0	3.7	
13	« 4	W 3	— 0	NK 3	« 10	CK 7	8.3	19.9	0.4	2.0	
14	« 1	E 1	N 4	« 10	« 8	« 7	8.3	2.8	0.2	1.8	
15	« 5	S 1	« 2	KS 8	Ke 6	KN 10	8.0		1.0	3.5	
16	NNW 2	« 2	WNW 2	Ke 9	NK 8	NK 10	9.0	11.5	0.6	5.0	
17	SSE 1	SSW 2	— 0	NK 7	« 8	KN 7	7.3		0.6	4.0	
18	NNW 2	W 2	N 5	CS 3	Ke 5	« 4	4.0		0.6	5.8	
19	« 5	SW 3	— 0	« 5	« 8	Ke 6	6.3		1.8	8.5	
20	ENE 1	NNW 6	— 0	CK 10	« 8	NK 10	9.3		1.2	6.4	
D 2ª	N NNW 3.4	SW 2.7	N 1.8	NK 8.0	NK 7.6	NK 8.0	7.8	41.8	0.8	4.6	
21	N 1	WSW 1	ESE 2	KN 9	NK 8	CK 5	7.3	9.5	1.2	6.9	
22	« 2	S 2	— 0	Ke 8	Ke 7	« 4	6.3	0.2	0.8	4.2	
23	NNW 6	SE 1	SSE 2	C 7	« 9	C 4	6.6		0.9	6.2	
24	W 1	S 4	ENE 1	Ke 9	« 7	« 1	5.6		1.0	6.4	
25	N 3	— 0	N 5	Se 5	Se 6	Ke 2	4.3		1.4	7.8	
26	WNW 3	— 0	E 2	KN 95	Ke 7	CK 2	6.0		1.2	7.5	
27	ESE 1	NNE 2	SE 2	CS 95	NK 6	KN 3	6.0	6.0	1.4	7.4	
28	N 3	NNW 7	ENE 3	N 8	Ke 8	SK 3	6.3		1.6	7.7	
29	« 7	N 8	NNE 5	CS 8	« 8	KS 3	6.6		1.8	5.2	
30	NNW 4	NNW 9	NNW 2	Ke 9	« 10	N 6	8.3		2.0	8.8	
	N 6	NW 8	E 3	« 95	NK 8	N 10	9.0		2.6	8.6	
D 3ª	N 3.3	S NNW 3.8	E ENE 2.3	Ke 8.1	Ke 7.6	CK 4.0	6.5	15.7	1.4	6.9	
Mez	N 3.3	Vr 3.8	Vr 2.1	NK 8.4	Ke 7.9	CK 5.7	7.3	107.5	1.0	4.9	

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Dezembro de 1910

Correlação dos ventos com os seguintes elementos meteorologicos							
Ventos	N. de vezes q' sop.	Alt. barometrica Media	Temperatura Media	Nebulosidad Media	Humidade Media		
N	20	44.12	26.4	7.7	83.7	Tensão media do vapor atmosferico	21 ^m /81
NNE	4	42.70	28.6	6.0	77.0	Humidade relativa media	80 ^m /m4
NE	1	41.09	23.7	10.0	90.0	Evaporação media diaria ao abrigo	1 ^m /m0
ENE	3	42.59	27.9	4.6	80.6	Evaporação media diaria ao sol	4 ^m /m9
E	4	43.14	27.4	6.0	82.0	Maior evaporação diaria ao abrigo — Dias 2 e 31	2 ^m /m6
ESE	4	43.40	27.4	7.0	83.7	Maior evaporação diaria ao sol — Dia 30	8 ^m /m8
SE	2	40.86	30.1	6.0	75.5	Menor evaporação diaria ao abrigo — Dia 14	0 ^m /m2
SSE	3	43.74	27.4	6.6	83.0	Menor evaporação diaria ao sol — Dia 7	1 ^m /m4
S	7	43.07	28.7	8.0	76.0	Evaporação total ao abrigo	35 ^m /m1
SSW	3	43.81	28.1	8.0	75.0	Evaporação total ao sol	154 ^m /m7
SW	2	43.86	26.5	9.0	73.0	Quantidade media mensal do Ozono	—
WSW	1	42.81	29.5	8.0	73.0	Maxima da insolação	—
W	5	42.30	28.4	8.0	79.4	BAROMETRO REDUZIDO A 0° C.	
WNW	4	42.10	26.8	9.5	82.2	Pressão media mensal	43.44
NNW	14	43.88	27.4	7.7	79.7	Maxima pressão durante o mez — Dia 25	48.46
NW	3	42.25	23.8	7.6	73.0	Minima pressão durante o mez — Dia 23	39.27
Calmas	—	—	—	—	—	Media diaria maxima Dia 7	46.46
						Media diaria minima Dia 23	40.69
Vento predominante				N		Oscillação maxima diaria — Dia 4	7.72
» menos frequente				NE WSW		Oscillação diaria minima Dia 14	0.54
» mais quente				SE		Oscillação media durante o mez	1.99
» mais frio				NE		TEMPERATURA CENTIGRADA AO ABRIGO	
» de maior altura barometrica				N		Media mensal	27.5
» de menor altura barometrica				SE		Maxima extrema — Dia 26	23.3
» mais secco				SW WSW NW		Minima extrema — Dia 7	22.3
» mais humido				NE		Media diaria maxima — Dia 26	29.9
» de maior nebulosidade				NE		Media diaria minima — Dia 7	23.9
» menor				NNE ESE		Oscillação diaria maxima — Dia 21	7.3
						Oscillação diaria minima — Dia 7	3.2
						Oscillação media durante o mez.	5.5
						TEMPERATURA CENTIGRADA AO AR LIVRE	
NUVENS						Media mensal	27.0
Formas predominantes				Kc		Maxima extrema — Dia 25	37.0
Quantidade media				7.3		Minima extrema — Dia 5	20.7
Dias claros				—		Media diaria maxima — Dias 25 27 29.8	
Dias nublados				7		Media diaria minima — Dia 6	23.3
						Oscillação diaria maxima — Dia 31	13.5
CHUVA						Oscillação diaria minima — Dia 3	2.2
Numero de dias com chuva				11		Oscillação media durante o mez	8.1
Total de agua recolhida				107.5			
Altura max. em 24 hors.				19.9			
N.º DE DIAS							
Manifestações electricas				14			
Trovoadas				11			
Nevoeiros				1			
Orvalho				13			
Dias sem brilho solar				3			

OBSERVATORIO METEOROLOGICO

Presidente Antonio Paes de Barros,

Dirigido pelos R. R. P. Salesianos em Araguaya — Mato-Grosso

Observações feitas durante o mez de Outubro de 1910

Altitude approximada da Localidade: 488.^m — Latitude approximada: 15° 3' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

N.º DE OBSERVAÇÕES POR DIA: AS 6 A. M., AS 2 E 8 P. M. HORA LOCAL

TABELLA I

Outubro 1910	Pressão barometrica reduzida á 0.º cent.					Temperatura centigrada á sombra				TEMP. SOL. OSCILLACÃO	Humidade relativa			
	6a. m.	2 p.m.	8 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da tem.		6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Media
1	25.66	24.05	22.62	24.11	3.04	21.4	25.4	17.4	8.0	12.8	90.0	68.0	67.0	75.0
2	23.87	22.40	20.70	22.32	3.17	26.2	29.4	23.0	6.4	11.6	87.0	69.0	65.0	73.6
3	22.45	20.47	18.81	20.57	3.64	26.5	30.0	23.0	6.0	13.0	77.0	63.0	66.0	68.6
4	22.17	17.49	19.34	19.66	4.68	26.4	30.0	22.8	7.2	9.0	76.0	60.0	70.0	68.6
5	20.57	18.37	19.73	19.55	2.20	27.0	31.0	23.0	8.0	12.0	79.0	44.0	76.0	66.3
6	20.08	17.99	18.17	18.74	2.09	27.4	32.0	22.4	10.4	15.2	75.0	38.0	59.0	57.3
7	20.55	17.76	17.66	18.65	2.89	28.4	32.8	24.4	8.4	17.0	72.0	39.0	53.0	54.6
8	21.93	19.30	20.05	20.42	2.63	28.0	32.0	24.0	8.0	12.0	67.0	50.0	64.0	60.3
9	22.29	19.44	20.08	20.60	2.85	25.8	31.4	20.6	10.8	15.0	80.0	50.0	56.0	62.0
10	23.45	20.35	20.69	21.49	3.10	27.5	31.6	23.4	8.2	14.6	75.0	50.0	50.0	58.3
D.1ª	22.30	19.76	19.78	20.61	3.02	26.4	30.6	22.4	8.1	13.2	77.8	53.1	62.6	64.4
11	23.03	19.85	19.47	20.78	3.56	28.0	32.6	23.4	9.2	15.6	69.0	43.0	59.0	57.0
12	22.05	18.23	19.42	19.90	3.82	28.2	32.8	23.6	9.2	14.6	75.0	48.0	59.0	60.6
13	22.17	19.18	17.68	19.67	4.49	26.5	31.0	22.0	9.0	11.2	72.0	56.0	65.0	64.3
14	20.69	18.99	18.96	19.54	1.73	24.2	28.0	20.4	7.6	9.8	81.0	70.0	84.0	78.3
15	20.97	17.61	18.69	19.09	3.36	26.4	30.0	22.8	7.2	10.4	84.0	61.0	86.0	77.0
16	20.30	17.68	17.72	18.56	2.62	24.7	29.0	20.4	8.6	12.2	89.0	63.0	71.0	74.3
17	21.45	16.26	18.73	18.82	5.19	28.0	32.0	24.0	8.0	15.2	77.0	49.0	73.0	66.3
18	21.57	17.22	16.51	18.43	5.06	26.6	31.0	22.2	8.8	14.6	86.0	52.0	62.0	66.6
19	19.38	15.66	18.07	17.67	3.82	26.8	30.8	22.8	8.0	4.6	82.0	36.0	88.0	68.6
20	20.80	19.10	18.45	19.45	2.35	23.9	27.2	20.6	6.6	5.6	93.0	80.0	83.0	85.3
D.2ª	21.24	17.96	18.37	19.19	3.60	26.3	30.4	22.2	8.2	11.3	80.8	55.8	73.0	69.8
21	20.17	17.61	17.72	18.50	2.56	25.8	29.0	22.6	6.4	9.4	91.0	64.0	70.0	75.0
22	20.17	17.72	17.72	18.53	2.45	25.5	28.4	22.6	5.8	8.6	91.0	65.0	73.0	76.3
23	20.13	17.32	19.89	19.11	2.81	26.0	28.0	24.0	4.0	8.0	83.0	76.0	81.0	80.0
24	21.17	18.72	18.72	19.53	2.45	25.5	28.2	22.8	5.4	8.4	88.0	71.0	80.0	79.6
25	21.45	18.96	17.96	19.45	3.49	24.2	27.2	21.2	6.0	7.0	88.0	69.0	76.0	77.6
26	20.17	20.13	20.29	20.19	0.16	24.0	26.0	22.0	4.0	5.4	86.0	78.0	91.0	85.0
27	22.36	19.82	20.88	21.02	2.54	23.4	26.0	20.8	5.2	9.4	91.0	71.0	85.0	82.3
28	21.29	17.77	17.84	18.96	3.52	25.0	28.2	21.8	6.4	9.4	93.0	70.0	76.0	79.6
29	19.27	16.36	17.72	17.78	2.91	26.1	28.0	24.2	3.8	3.2	89.0	83.0	78.0	83.3
30	18.87	14.70	21.03	18.20	6.23	25.2	26.8	23.6	3.2	6.8	87.0	71.0	87.0	81.6
31	20.97	20.17	21.57	20.90	1.40	22.7	24.8	20.6	4.2	4.4	93.0	77.5	88.0	86.0
D.3ª	20.54	18.11	19.21	19.28	2.78	24.8	27.3	22.3	4.9	7.2	89.0	72.3	80.4	80.5
Mez	21.36	18.61	19.12	19.69	3.13	25.8	29.4	22.3	7.0	10.5	82.5	60.4	72.0	71.5

Observatorio meteorologico "Presidente Antonio Paes de Barros"

TABELLA II

Número 1910	Vento Direção—Força						Nebulosidade Forma—Fracção				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media	Abrigo	Exp.				
1	—	0	S 1	—	0	CS 8	K 8	—	0	5.3	4.2	3.6	7.2
2	S	2	—	0	S 1	SC 4	« 5	N 5	4.6	—	—	4.2	9.0
3	—	0	E 4	—	0	« 8	NK 7	« 6	7.0	—	—	6.2	8.6
4	—	0	« 7	—	0	« 10	« 10	« 8	9.3	—	—	3.8	6.4
5	—	0	« 3	—	0	C 9	C 7	—	0	5.3	—	4.8	9.2
6	—	0	« 5	—	0	« 6	« 8	—	0	4.6	—	5.2	11.4
7	—	0	ENE 4	SSE 3	« 8	« 10	C 3	7.0	—	—	—	9.0	13.0
8	—	0	E 6	—	0	CS 9	K 6	CN 8	7.6	—	—	6.5	10.0
9	S	7	« 4	—	0	« 8	« 7	—	0	5.0	gott	7.0	11.0
10	—	0	« 2	SSE 2	C 4	« 8	—	0	4.0	—	—	6.4	11.4
D.1ª	S 0.9	E 3.6	SSE 0.6	C 7.4	K 7.6	N 3.0	5.9	4.2	56.7	97.2			
11	—	0	N 4	—	0	C 10	K 8	KN 6	8.0	—	—	7.0	11.4
12	—	0	NNW 4	NW 3	SC 9	KC 8	N 10	9.0	—	—	—	6.8	10.4
13	—	0	E 5	W 1	C 5	KN 9	« 9	7.6	gott.	—	—	4.0	9.0
14	—	0	SW 3	SSE 2	SC 5	NK 8	—	0	4.3	5.2	—	3.8	4.8
15	—	0	N 4	SSW 7	« 9	KC 8	N 10	9.0	—	gott.	—	4.0	7.0
16	SE 4	W 2	—	0	CS 9	« 8	C 9	8.6	—	1.8	—	5.0	7.4
17	—	0	NE 5	ESE 6	SC 10	K 7	N 10	9.0	—	—	—	5.8	9.0
18	—	0	E 3	SSE 2	CN 10	KC 6	NK 9	8.3	—	—	—	5.6	10.0
19	—	0	N 8	S 7	C 8	N 10	N 10	9.3	10.5	—	—	4.0	6.0
20	SE 1	—	0	SSE 3	N 10	NK 10	CN 10	10.0	16.4	—	—	3.0	3.4
D.2ª	SE 0.5	N 3.8	SSE 2.1	SC 8.5	KC 8.2	N 8.3	8.3	33.9	49.0	78.4			
21	—	0	SW 3	—	0	N 10	CK 10	N 5	8.3	21.0	—	4.0	5.4
22	—	0	NNE 4	—	0	KN 8	KN 9	« 4	7.0	0.5	—	4.6	6.0
23	—	0	N 2	E 1	CN 8	« 9	« 10	9.0	—	gott.	—	3.0	3.4
24	—	0	—	0	N 10	« 10	CS 4	8.0	—	—	—	3.0	4.4
25	—	0	SW 4	—	0	SC 8	SN 9	SN 8	8.3	gott.	—	4.0	6.0
26	—	0	S 5	—	0	N 10	N 10	N 10	10.0	25.4	—	3.6	3.6
27	—	0	ENE 5	E 3	« 10	NK 10	N 9	9.6	—	—	—	4.5	5.0
28	—	0	E 2	« 1	N 10	K 7	« 5	7.3	7.0	—	—	3.4	6.0
29	—	0	ENE 5	—	0	SC 9	KN 10	NC 10	9.6	0.5	—	4.0	5.2
30	—	0	—	0	—	SN 10	NC 9	N 6	8.3	6.4	—	4.1	5.3
31	—	0	—	0	—	N 10	CK 9	« 10	9.6	14.5	—	2.8	3.2
D.3ª	—	0	EN 2.7	E 0.4	N 9.3	KN 9.2	N 7.3	8.6	75.3	41.0	53.5		
Mez	S 0.4	E 3.3	SSE 1.4	SC 8.4	K 9.0	N 7.2	6.6	113.4	146.7	220.1			

Expediente: A assignatura ANNUAL
para a Capital, da
REVISTA MATTO-GROSSO, é de 10\$000
pagos ADEANTADAMENTE ou DO PRIMEIRO TRIMESTRE
do recebimento da REVISTA. E, para fóra da
Capital, é de 12\$000.

Assignaturas mensaes -- 1\$000.

A importancia, da assignatura deve ser
enviada directamente á REDACÇÃO em *vales pos-
taes* ou *carta registrada com valor declarado*.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida á

Redacção da

Revista Matto-Grosso

Lycen Salesiano de Artes e Officios

(Estado de Matto-Grosso)

GUIABÁ

Escolas Profissionais Salesianas—Cuiabá.